19. Com o Coração de Cristo

Ad quid venisti? A que viemos? Por que estamos na forma de vocação à qual fomos chamados? Viemos porque chamados a estar com Cristo, a estar com Aquele que nos dá a vida em verdade e plenitude. Viemos e permanecemos verdadeiramente apenas por Ele, que está aqui conosco, para que, acolhido por nós, possa estar com todos, alcançar todos com a sua presença, que dá a vida a toda criatura humana que o espera do profundo da sua desolação.

Cristo está conosco na Igreja, nos sacramentos, na nossa comunidade, na sua palavra, nos irmãos e irmãs necessitados, na relação de amizade, única e misteriosa, que Ele cultiva com cada um de nós. A companhia que nos oferece o Senhor, o seu estar sempre conosco, é uma graça infinita, que não tem limites nem comparação. Não podemos viver nada maior, mais belo, mais alegre, mais profundo, mais intenso, mais iluminador do que estar com Ele, do que viver na Sua presença que nos olha, nos fala, nos ama.

São Bento ardia desta consciência, e por isso insiste que não prefiramos nada ao amor de Cristo (cf. RB 4, 21), que não tenhamos nada de mais caro que Cristo (cf. RB 5, 2), que não prefiramos absolutamente nada a Cristo (cf. RB 72, 11). Para ele, a vida monástica, a vida cristã, é um contínuo reconhecer Jesus presente, sempre, em todos, em toda parte, em cada circunstância. Um "reconhecer" que é um "estar diante d'Ele". Eu deveria citar toda a Regra para ilustrar esta insistência.

Mas por que, então, somos tão distraídos da presença de Jesus? Por que o esquecemos? Por que pensamos em outras coisas ou pessoas? Por que, fazendo tudo, vivendo tudo, encontrando todos, não pensamos n'Ele, não mantemos o coração unido a Ele que já está aqui conosco?

Certamente, esta tendência à distração de Cristo presente é em nós o fruto da nossa condição de pecadores. Mas precisamente por isso Jesus veio, para nos salvar disto se fez homem e habita em meio a nós, em nós. Como podemos abrir-nos verdadeiramente a esta salvação? Se Jesus está presente justamente para salvar a nossa vida da inconsistência, por que nos deixamos salvar tão pouco? O que devemos fazer para contrastar esta corrente de distração, de esquecimento, de superficialidade que torna superficiais e inconsistentes a nossa vida, as nossas relações, aquilo que pensamos, dizemos, fazemos, e o testemunho da nossa pessoa e das nossas comunidades?

Talvez seja porque não fazemos plenamente experiência da presença de Cristo na nossa vida, e do seu valor, da sua beleza e bondade, e de como o estar com Ele muda a nossa vida, nos faz bem, nos transforma, nos torna melhores, nos torna santos.

A cada aparição do Ressuscitado, os discípulos se deram conta de que Ele já estava presente antes que o vissem, antes que o reconhecessem. E, contudo, percebiam mesmo assim quanto a sua presença enchia de sentido e luz a sua vida: "Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho?", dizem entre si os dois discípulos de Emaús (Lc 24, 32). O seu coração percebia que o encontro com Jesus não nos chama somente a escutar as suas palavras, a estar bem em sua companhia, a ter força e energia para realizar obras boas: *chama-nos a ter um só coração com Ele.*

Um amigo me propôs uma ulterior interpretação da palavra escrita sobre a porta entre o claustro e a igreja de Chau Son Nord, *VOLO TECUM;* uma interpretação que traduz as duas palavras sem subentender o verbo "ser" ou "estar". Assim a frase significaria simplesmente: "Quero contigo", isto é, que o desejo último da nossa busca da presença de Cristo é que possamos unir-nos a Ele tão profundamente a ponto de querer com Ele, de unir a nossa vontade à sua, a nossa liberdade à sua liberdade, o nosso amor ao seu amor.
Trata-se, no fundo, de exprimir um ato de obediência tão radical que não somente façamos aquilo que Cristo quer, mas unamos a nossa vontade à sua, de modo a não querer outra coisa senão aquilo que Ele quer, a não escolher outra coisa senão aquilo que Ele escolhe, a não amar outra coisa senão aquilo que Ele ama, e a não amar de outro modo senão como Ele ama. Paulo diria: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2, 20).
VOLO TECUM descreve, então, como *uma coincidência do nosso coração com o Coração de Cristo.* Com efeito, São Paulo escreve aos Coríntios: "Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito" (1Cor 6, 17).

Precisamente por isso fomos chamados pelo Senhor e viemos até onde nos foi pedido que o seguíssemos: para que, em nós, o estar com Ele possa alcançar a perfeição da comunhão dos corações, a comunhão do seu Coração ferido pelo amor com o nosso coração ferido pela miséria do pecado. O Coração de Cristo é um fogo inextinguível de amor eterno que, unindo-se ao nosso pobre coração, consome toda a sua miséria. Mas Jesus não consome a nossa miséria somente para eliminá-la, como quando se queimam ervas daninhas ou resíduos. O amor de Cristo é um fogo que queima a nossa miséria transformando-a em amor.
É isto que o Ressuscitado operou em Pedro, perguntando-lhe três vezes: "Tu me amas?": transformou toda a miséria da sua negação, da sua fragilidade e infidelidade, em comunhão de amor entre os seus corações. E esta comunhão dos corações tornou-se imediatamente para Pedro a fonte inesgotável da sua missão: "Apascenta as minhas ovelhas!" (cf. Jo 21, 15-19).

Esta graça de poder querer e amar com Ele, o Senhor nos faz pedi-la cada dia ao Pai: "Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu"! (Mt 6, 10). E Maria nos é dada como Mãe desta comunhão profunda, porque em Caná e aos pés da Cruz nos pede que obedeçamos ao desejo de Jesus de salvar a nossa comunhão esponsal com Ele: "Fazei tudo o que ele vos disser!" (Jo 2, 5).

VOLO TECUM. Somos chamados a corresponder até o fundo do nosso coração à presença já doada d'Aquele que morreu e ressuscitou por nós. Assim, o desejo universal de felicidade encontra cumprimento e repouso no Senhor que entra na nossa vida, nas nossas comunidades, no mundo, para tomar-nos consigo, hoje e para sempre, no paraíso do seu Amor.